

Governo acredita na solução de débitos

Nélio Rodrigues



O ministro da Fazenda repudiou todas as propostas recessivas

O presidente José Sarney disse ontem que o Brasil acaba de conseguir sua primeira vitória no embate da dívida externa, que foi o fato de trazer para a discussão do assunto os governos dos países envolvidos. A afirmação do presidente foi feita ao ministro Dilson Funaro, da Fazenda, após ouvir o ministro um amplo relato sobre a sua recente viagem ao exterior, para explicar a autoridades governamentais e banqueiros os motivos que levaram o Brasil a suspender o pagamento dos juros da dívida externa.

A saída do gabinete do presidente, no Palácio do Planalto, o ministro da Fazenda disse que o Brasil não está encontrando no exterior nenhuma dificuldade para a rolagem dos créditos de curto prazo (ao todo, US\$ 16 bilhões), acreditando que a garantia desta rolagem automática (que termina no próximo dia 31) será renovada pelos banqueiros por prazo indeterminado.

Funaro disse que encontrou lá fora muita compreensão sobre o problema da dívida externa brasileira, ressaltando que todas as autoridades com quem se avistou concordam que o Brasil não pode parar de crescer. E é em função desta opção pelo crescimento econômico, explicou Funaro, que o Brasil não voltará jamais a aceitar um monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI). "Aquele receita de provocarmos recessão, gerando excedentes exportáveis, para com isso elevarmos o superávit comercial do país e, deste modo, poder pagar a dívida externa, é coisa que o Brasil não vai mais aceitar. Isso é coisa do passado".

Mecanismos

O próximo passo na busca de uma solução para a questão da dívida externa, segundo Dilson Funaro, é aprofundar a discussão sobre novos mecanismos de financiamento que dêem ao país tranquilidade para os próximos quatro ou cinco anos. E isto será feito já no dia 8 de abril próximo, na reunião do comitê interino do FMI, em Washington, com a participação dos ministros da economia de todos os países que integram aquela entidade.

Funaro respondeu às colocações do presidente do Banco Mundial, Barber Conable, de que o Brasil necessita de um plano de estabilização econômica, deixando de lado as improvisações. "Nós sabemos o que queremos — disse o

ministro. Não queremos que o Brasil volte à situação de 1982. Eu tenho um plano para o Brasil: é o plano de fazer este país continuar crescendo. Aceitar programas recessivos não é, decididamente, o caminho brasileiro. Nossos problemas internos serão resolvidos por nós mesmos. Mas o que nós não podemos resolver são os problemas mundiais, como o da dívida externa. E por isso fomos lá fora dar sugestões e discutir um plano para a economia mundial, que somente surgirá com o entendimento entre todos os países devedores e credores. Não podemos ignorar que o mundo viveu uma crise depois de 1980 e ficar imaginando que esta crise pode ser resolvida somente pelos países devedores. E acho que encontrei boa receptividade lá fora sobre estas colocações" — assinala o ministro.

Compreensão

Dilson Funaro disse que na sua viagem ao exterior manteve contato com dois importantes bancos japoneses e com outros bancos estrangeiros para acertar o prolongamento da rolagem automática dos créditos de curto prazo. Este prolongamento — afirmou — não pode ser somente por 90 dias. Tem de ser por prazo indefinido. A normalização do pagamento dos juros da dívida externa, segundo Funaro, somente ocorrerá quando houver compreensão mundial sobre o problema brasileiro.

Funaro mostra-se cético com relação a medidas não-tradicionalis em busca de uma solução para o problema da dívida externa, como a conversão da dívida em capital de risco. Este tipo de solução, para ele, não tem trazido grandes resultados em outros países. Mas o assunto poderá vir a ser discutido na hora da negociação. Explica, em seguida, que no Brasil já é permitida tal conversão, desde que realizada entre empresas (credora e devedora) do mesmo grupo. O que não se permite é que se faça esta conversão com uma terceira empresa. "Mas podemos estudar o assunto" — ressalta.

Funaro diz acreditar na retomada dos investimentos nacionais e estrangeiros no país. Mas não crê na necessidade de medidas específicas para se conseguir isso. Para ele, os investimentos, quer nacionais, quer estrangeiros, serão reativados normalmente quando o país conseguir estabilizar sua economia e solucionar a questão da dívida externa.